



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## TOSCO E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

**Andrieli de Oliveira Rocha<sup>1</sup>; Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>.**

UFGD/FACALE – Caixa Postal 322, 79825-070 – Dourados-MS, E-mail: [andrielly-rocha@hotmail.com](mailto:andrielly-rocha@hotmail.com)

<sup>1</sup>Bolsista de Iniciação Científica da UFGD. <sup>2</sup>Orientadora, Professora Facale, Coordenadora.

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a obra *Tosco*, de Gilberto Mattje, tentando compreender o que justifica a sua grande repercussão entre os leitores jovens. O repertório teórico parte dos pressupostos defendidos por Hans Robert Jauss, precursor da Estética da Recepção. O autor propõe uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual, procurando romper com a representação da estética tradicional, pois considera a literatura como produção, recepção e comunicação, na relação entre autor, obra e leitor. A análise também dialoga com os estudos de Márcia Abreu, que lança um olhar crítico aos padrões de literalidade e qualidade estética, conceitos que nos levam a pensar sobre as obras e seus valores. Por fim, estudos de Stuart Hall, em especial *A identidade cultural na pós-modernidade*, nos embasa a reflexão sobre os leitores de *Tosco*, suas identidades, e a forte relação encontrada entre personagem e leitor.

**Palavras-chave:** Tosco, Estética da Recepção, Identidades.

### INTRODUÇÃO

Tosco é um garoto que vive em um lugar totalmente desajustado, formado por uma mãe indiferente, autoritária e um pai alcoólatra, agressivo. A vida familiar reflete em seu comportamento na escola. Por meio da agressividade, consegue “respeito”. A falta de comunicação com a mãe, o abandono do pai, as brigas constantes, drogas, violência, formação de gangues, mortes, perdas, furtos, reprovação escolar e expulsão são situações decorrentes de sua vida. A personagem encontra na escola seu palco, o

espaço para chamar a atenção para si. Paralelamente, há um personagem que opta por um rumo diferente, e a cada dia colecionava novas conquistas.

Na última escola, encontra Jeferson, um professor de Educação Física, o primeiro que parou para ouvi-lo e ajuda-lo. Para o protagonista, era difícil acreditar que alguém havia se interessado por ele. A partir deste momento, sua vida e suas atitudes começam a mudar. Assume com responsabilidade o futebol e valoriza a confiança que o professor depositou sobre ele. Sua transformação está sintetizada no fragmento: “Hoje tenho orgulho de ser o Tosco! O cara que teve tudo para dar errado. Que fez errado, mas que teve a chance de fazer diferente” (p.132). Depois de tudo que acontecera, encontramos um homem formado em Educação Física, com o objetivo de ajudar aqueles que se encontram em situação semelhante a que ele um dia esteve. Trata-se de uma obra que dialoga com realidades vistas em instituições escolares, especialmente nas públicas. Jovens que vivem situações conflitantes em seus lares, no geral, têm menor desempenho escolar e, conseqüentemente, menos chance de concluir a Educação Básica. Tais indivíduos chamam por atenção a todo o momento. A presente análise, embora toque em questões voltadas para a literariedade do texto, procura compreender por quais mecanismos a obra foi aceita por um considerável número de estudantes.

O comportamento de alunos como Tosco, como afirmado anteriormente, representa muitos jovens leitores, que encontraram na obra uma representação de si. Na ficção, o protagonista tem a oportunidade de ser visto, ouvido e motivado. Um final que, sem dúvida, muitos dos leitores esperam para si. Portanto, sem julgar o mérito literário do livro, importa pensar o seu alcance entre os leitores, compreender os aspectos que permitem sua aceitação entre o público jovem.

## **1. TOSCO E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Apesar de a crítica em geral o ter desvalorizado em relação aos aspectos literários, há uma significativa aceitação entre o público jovem. Para entendermos tais aspectos, partiremos dos estudos da Estética da recepção proposto pelo alemão Hans Robert Jauss. Em meados de 1960, com base nas contribuições de outros estudiosos, entre eles, Wolfgang Iser (1926-2007), Jauss sistematiza os primeiros posicionamentos sobre a teoria. Fundamentado no relativismo histórico e cultural para propor uma história da arte e da literatura centralizada no leitor, deixando como segundo plano o

texto e o autor. Para tentar superar abismo entre a história e a estética da recepção, Jauss apropria-se das contribuições das diversas maneiras de interpretar a literatura, presentes nas concepções teóricas o marxismo e do estruturalismo.

A escola marxista interessa-se pelo leitor na medida em que esse se caracteriza por uma posição social e a formalista o vê como sujeito da percepção, a quem compete apenas distinguir a forma e procedimentos do texto literário. As duas concepções, portanto, deixam de analisar o leitor como o destinatário, a quem toda obra literária, primeiramente visa.

Três funções básicas nos são apresentadas, consideradas atividades produtivas, receptivas e comunicativas. A *Poiesis* seria a capacidade de produzir, o leitor preenche as “lacunas” do texto numa interação entre o autor e leitor/receptor; a *Aisthesis* é, por sua vez, seria a faculdade de sentir ou compreender pelos sentidos, ou seja, o que a obra causa no autor, momento da recepção, a visão de mundo. A *Katharsis* que, por fim, é a comunicação, é o ímpeto criativo do artista, enquanto expressa algo da sua afetividade ou até de sua sensibilidade. Ao apresentar seu trabalho, causa a mesma sensação em seus leitores. Tal experiência, mesmo não tendo uma história canonizada, compreende prazer e conhecimento; e por meio do diálogo entre o texto e leitor, a criação literária atua sobre um público, oferecendo padrões de comportamento. Autor e obra estão relacionados num contexto da história no momento em que se dá a leitura. Jauss sintetiza as funções da leitura e a relação entre leitor e obra em sete teses.

A primeira envolve historicidade da literatura; esta é a relação entre a obra e o leitor. A segunda argumenta sobre o saber prévio do público, ou seja, o leitor vai dialogar com o novo literário apresentado a partir de sua bagagem cultural. A terceira tese aborda que o texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do leitor, estas podem ser positivas, frustradas, ou interrompida. A reação do público, segundo Jauss, estabelecerá o valor da obra literária. Na quarta tese, há referência à relação dialógica. Ou seja, a publicação da obra e a compreensão do leitor diante da leitura. A hermenêutica nos leva a entender o horizonte de expectativas, através das perguntas e respostas, assim se compreende o texto. A quinta tese discute a diacronia, que diz respeito à recepção da obra literária ao longo do tempo, e deve ser analisado no diálogo com as leituras anteriores. A sexta aborda a sincronia, ou seja, o momento de cada época, este é o fator importante para se compreender a historiografia literária. A última tese discute o caráter emancipador da obra, a relação entre literatura e vida, o rompimento dos horizontes, culminando na formação de um leitor crítico. Os estudos de

Márcia Abreu também nos permite conhecer melhor a aceitação de *Tosco*, ao refletir sobre texto literário, literariedade e qualidade estética, a autora nos indaga a pensar nas “melhores literaturas”, e argumenta que, quando se trata de gosto literário, não há um consenso. Em contrapartida, os *Best Sellers*, livros que atingem números grandiosos de vendas e leitores, são renegados por intelectuais e professores. Não é o tipo de livro aceito entre os críticos com valor estético. Desde cedo, aprendemos quais livros devemos ou não devemos ler a escola quem nos ensina quais livros são recomendáveis (o que não está citado nos livros didáticos, portanto, nem sequer entram em discussão). Assim, independentemente de nosso gosto pessoal, devemos saber os autores importantes sobre os quais falar e entender.

Contrariamente a esta imposição, Márcia Abreu nos relata que a literariedade não se encontra somente no texto, mas sim na maneira com que este é lido (Márcia Abreu 2006, p.29). As obras consideradas “Grande Literatura”, de acordo com a autora, estão mais relacionadas com questões políticas do que com o texto em si. O prestígio dos intelectuais de definir literatura, grande literatura, o que é literário, acaba se revelando como a única verdade apresentada. As instâncias de legitimação decidem quais obras obtêm o valor estético e literário. Mas, como vimos no caso dos *Best sellers*, há obras que valem mais por sua repercussão do que por seu valor estético, é o caso de *Tosco*, de Gilberto Mattje.

## **2º IDENTIDADES: PERSONAGEM E LEITOR**

*Tosco* impressiona por sua repercussão entre os leitores. A história do jovem Tosco dialoga com a vida de muitos jovens, é notável a presença de expressões próprias dos jovens como gírias e outras palavras grafadas incorretamente, refletindo o modo de falar da juventude, valorizando, dessa maneira, a faixa etária retratada na obra.

O texto literário é considerado fator estético e social. Stuart Hall, com seus estudos, nos leva a pensar a questão da identidade. *Tosco* é o exemplo do quão fragmentadas as identidades se encontram. O autor aborda três concepções de identidades, o sujeito Iluminista, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito Iluminista baseia-se na concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, prevalece nesse sujeito à razão, o individualismo, centrado no próprio eu. O sujeito Sociológico formava se justamente na interação entre

o eu e a sociedade, não temos um sujeito autônomo e autossuficiente, tem se a essência interior que é o eu “real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com o mundo “exterior” e as identidades que este oferece. Nessa identidade há o preenchimento entre o mundo “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. E o sujeito pós-moderno contextualiza-se no sujeito fragmentado, como não tendo uma identidade fixa ou permanente. A identidade transforma-se continuamente em relação aos sistemas culturais que nos rodeiam, identidades diferentes são assumidas em diferentes momentos.

E este sujeito pós-modernos que estamos analisando, Tosco é um jovem fragmentado, que posiciona-se de diferentes maneiras, em diferentes lugares. Abordaremos alguns trechos do livro para compreendermos na obra está fragmentação.

Outra vez, quando vi meu pai brigando. E como ele era bravo! Creio que não havia ninguém mais bravo que ele. Eu saía de perto. Dava medo. Depois de uma briga de papai, tudo ficava quieto lá em casa. E assim continuava por uns dias (Tosco, 2009, p. 8-9).

Neste fragmento a personagem Tosco, relata sua relação familiar. Um pai autoritário, as brigas sempre presentes, o medo que ele sentia do pai, a falta de afeto da mãe, eram situações diárias de sua vida. Este ambiente familiar influencia em sua identidade, na sua relação com o outro.

Foi em um desses recreios quando briguei pela primeira vez. Um menino franzino me acertou jogando bola. Parti para cima dele e o esganei. Lembro-me da sensação de raiva e poder. E fui gritando com ele imitando meu pai: - Isso é para você aprender a não se meter com quem não deve! – e repetia (p.9).

A personagem vê em seu pai um espelho a ser seguido, começa a colocar em prática na escola o vivenciava em casa, sua identidade começa a ser formada através de processos inconscientes, pois sem querer se encontra agindo como seu pai, aderindo uma identidade, está sempre incompleta, em transformação. Stuart Hall nos indaga a falarmos não de uma identidade, mas de uma identificação, e vê-la como um processo em andamento, pois nos identificamos com o mundo exterior, e agimos de acordo com o meio onde estamos inseridos.

Aos nove anos, consolidei minha fama do cara que consegue o que quer. Eu até era na minha, mas que ninguém mexesse comigo. Não importava muito quem fosse. Agora, até com minha mãe eu já gritava. Ela me batia, eu chorava de raiva, mas não doía mais (, p. 13).

A personagem prefere chamar a atenção pelo negativo, encontra na agressividade a maneira de chamar a atenção, de amedrontar os colegas e professores.

Eu era tora, rato mesmo! Pense em alguém encenqueiro! (p. 15).

Assim também era na sala de aula com os professores. Aquilo que acontecia em casa se repetia na escola. Tudo era motivo para distração. Embora não conversasse com as meninas nessa época, com os meninos era um terror. O uso de palavrões era a ordem. (p.15).

Tosco passa por várias transformações, seu meio social o impulsiona a tomar atitudes, a agir de tal maneira. Um garoto perdido, que se encontrou neste mundo da rebeldia, sem limites.

Um dia tentei ensinar o Samuel a fumar. Mas ele não aceitou. – Você está louco cara! Minha avó vai se chatear. Ela é muito boa para mim, não posso fazer isso com ela. Não posso decepcioná-la. – Nada a ver, Samuel! Todo mundo fuma, você é um bundão. – Eu até tenho vontade de fumar, mas perderia a confiança da minha avó. Então, tô fora. – Fiquei com muita raiva do Samuel. Que cara bobão! Naquele dia, quebrei um brinquedo do Samuel, e senti certo prazer quando o vi choramingando. Corri para casa. Não sei por que, mas fiquei invejando o Samuel. (Tosco, 2009, p. 20).

O personagem Samuel decide por trilhar um caminho diferente do de Tosco, visto pelos colegas como o “fraco”, o “bundão”, por não querer experimentar das mesmas coisas que os outros. Fato este bem presente na realidade dos jovens que dialogam com a obra, pois passam pela fase da recusa, para ser aceito é necessário fazer o que todos os outros estão fazendo. Ou para não ficar como o medroso, acabar aceitando os desafios impostos. Samuel apesar de tudo não se importa com os comentários, decide ter uma vida diferente, pensando sempre em sua avó quem tem cuidado dele. Enquanto Tosco chama a atenção da forma negativa, Samuel conquista

suas atenção da maneira correta, longe das confusões. Acaba sendo um exemplo para ele, o garoto que ele defende dos valentões como ele, mas acaba o incomodando também por suas atitudes que não condiz com a dele, no fragmento a seguir podemos ver:

O Samuel frequentava a mesma escola. Ele ficava de lado, não participava das bagunças. Eu não sei porque, mas eu gostava dele, apesar de dele ser uma manezão. Um dia, ele esbarrou em alguém no corredor, levou um soco e caiu no chão. Nem pensei. Voei para cima do menino e soltei o braço. O cara nem reagiu. Enchi-o de cascudos, cuspi, humilhei. – Seu veado, o Samuel não faz mal a ninguém. Bate em mim. Ninguém mexe com amigo meu (Tosco, 2009, p.24).

Sua identidade continua sendo formada a cada dia adquirindo algo novo, com seu meio social, por parte da ideia de pertencimento, ou seja pertencer a determinado grupo Tosco pertencia ao grupo da bagunça, já Samuel ao grupo dos estudiosos. Há um confronto por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), pois nós nos identificamos com tais identidades, cada lugar nos expressaremos de uma maneira diferente, não há um ser unificado, mas sim descentralizado e Tosco é o nosso exemplo.

Comecei a ter raiva do Samuel. Eu o achava otário, andava todo arrumadinho (Tosco. 2009, p.25).

Certo dia pedi ao Samuel que contasse como eram as aulas, os professores, se ele estudava, enfim. Ele se entusiasmou e me disse que ele gostava muito de estudar. Contou das boas notas que tirava e que pensava em fazer faculdade e ser doutor. Falou de uns conteúdos que cairiam no vestibular. Vestibular? Eu nunca tinha pensado em fazer faculdade nem em ser doutor! Aquilo me soou muito estranho. Na minha turma, não se falava disso. Era só zoação! Falava-se das minas, do veado, do brau, do cara que apanhou ou bateu, das bebidas e dos pequenos. Viviam-se programando qual seria a próxima gandaia. Até o futebol perdeu o encanto. Tudo era bagunça (Tosco, 2009, p.29).

Ao analisarmos estes trechos, podemos destacar que ambos tiveram as mesmas chances, ambos passaram por situações familiares conflitantes, mas cada um escolheu

por um caminho. Tosco reflete o que acontece em casa em outros lugares sociais, Samuel ao contrário busca, não agir como seus pais. Sonha com uma vida melhor, e corre atrás de seus sonhos. Apesar dos caminhos serem opostos, Tosco gosta de Samuel, sabe que ele está certo. E vê a cada dia mais conquistas de seu amigo. Os namoros sérios, sempre com a garota mais bonita da escola, e ele sempre pegando todas numa disputa. O emprego que Samuel conquistará, e ele passando a roubar. Viviam no mesmo ambiente social, mas cada um adquiriu para si uma identidade oposta, enquanto um prefere ser o “bundão” por não se encaixar em determinado grupo, o outro é o valentão, que faz de tudo para manter-se nesse grupo, mas encontra-se sempre vazio, triste, sozinho, querendo atenção. Stuart Hall nos relata “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através dos quais nós imaginamos ser vistos por outros” (Hall, Stuart, 2006, p.39). No fragmento abordado a seguir, nos relata a fala de Tosco e sua insatisfação da maneira que se encontrava, sempre invejando seu amigo Samuel, pensando que poderia agir de outra maneira.

O Samuel também estudava lá (havam trocado de escola, Tosco sido expulso). Tinha trocado de namorada, mas estava namorando firme de novo. E a menina era a mais bonita da escola. E o desgraçado continuava ainda mais bem vestido. E era amigo de todo mundo. O dele era outro esquema, e parecia funcionar mais. Dei-me conta de que o Samuel era mais vivo do que eu pensava. No fundo, ele quem sabia das coisas. Mas a essa altura parecia que eu precisava manter a fama que eu mesmo tinha construído. O meu orgulho era ser mau. Como eu iria abrir mão disso?

Eis aí a fragmentação presente na sociedade moderna, a insatisfação com o eu inato, a busca pela transformação, pelo pertencimento, em estar inserido em algum grupo; em ter alguma identidade e ser reconhecido por ela.

Mas um dia fui pego com a mão na botija (...) Estava ferrado! Fui preso. Apanhei bastante. Queriam que eu contasse todo o esquema. Resisti o mais que pude. Mas não aguentei (...) Conteí tudo e agora eu estava mais ferrado ainda. Eu tinha dedurado a turma, o fornecedor, quem consumia. Eu era um cara morto! Mas acabei solto,

não sei nem o porquê. Quem sabe para ser morto? Pode ser.  
(...) Tá todo mundo de cara contigo (...) perdi a confiança (...).

O desapontamento do personagem a exclusão de seu grupo, por ter dedurado a todos, o faz ficar sem rumo, sem pertencer a um determinado grupo, a uma identidade, que ele mesmo formará. Incomoda-se com a realidade em que vive a partir do que Leka, a garota que ele se encanta fala, passa a olhar de outra maneira as escolhas e atitudes tomadas.

- Cara, quando você vai deixar de ser mala? Você só pensa errado, só faz coisas erradas, não dá para ficar com você desse jeito! Essa de ser galinha denuncia que você não sabe nada de amor. Você assusta as pessoas, e isso é péssimo. Cara, para de se boicotar. A vida não é nada disso, você acha que vai conseguir viver quanto tempo? Você faz as coisas de um jeito que não há como gostar de você! Abra os olhos! Você tem um bom potencial, mas desse jeito não tem como oferecer nada a ninguém, não de coisas materiais, mas estabilidade, enquanto pessoa. Você não se entrega a ninguém, desconfia de tudo, não acredita em nada. Deixa de ser Tosco! (Tosco, 2009, p.48).

A primeira que foi sincera com ele naquele momento, que o fez pensar e refletir, estamos falando de um sujeito modernos, em transformação, mas encontramos um personagem resistente a essas mudanças, que insiste no errado. Continua invejando seu amigo Samuel, por suas conquistas, mas não faz nada para mudar a situação que se encontra, mudar a si próprio, criar uma nova identidade, uma maneira de chamar a atenção, que não seja está negativa. Começa a ver uma possibilidade de se fragmentar mais uma vez, quando entra em contato com professor Jeferson. Mas agora é a dado a ele a oportunidade de fazer certo, através do futebol, algo que ele tinha abandonado no passado.

Um dia o professor Jeferson nos convidou para irmos à quadra da escola, separou os alunos pela modalidade de esporte com a qual tinham afinidade. Lembrei dos meus antigos tempos de futebol e que eu havia abandonado. (Tosco, 2009, p.59).

- Estou querendo formar um time de futebol para disputar um torneio interséries. Preciso de gente comprometida com vontade de vencer Não vai ter espaço pra cara que dá bolo nem pra maior caráter. – Senti que era minha chance (..) Esse não era eu! Ou esse era eu? (Tosco p. 62-63).

Responsabilidade, parecia algo impossível no momento cumprir as exigências do professor, mas este era o único que o deu uma chance de ser melhor. De mudar aquela identidade negativa que ele próprio havia criado, podemos ver novamente, que o meio social influencia na criação dessa identidade.

Tudo começou a ser muito diferente. Eu estava muito mais quieto que de costume. As palavras da Leka não me saíam da cabeça. Eu não sabia, mas parecia estar com vergonha de andar com caderno e livros. Era como se eu nem sequer soubesse caminhar. Mas ao mesmo tempo havia uma alegria que eu não conseguia definir. Minha mãe me olhava desconfiada, porém não falava nada. Percebi que em silêncio me aprovava, e isso era novidade. (Tosco,2009, p.65).

Ao decorrer a história contada, uma nova identidade começa a ser formada em cada capítulo, as atitudes tomadas anteriormente agora envergonhavam, incomodavam, apesar dos altos e baixos do personagem, o professor Jeferson não desistiu, pois se identificava já que no passado havia sido como ele, um Tosco, o chamar atenção pelo negativo, por não ter uma família estruturada e em quem se espelhar. O professor viu nele o talento para criar estratégias, comandar, a única que se devia fazer era pensar antes de tomar as atitudes. Samuel continuará suas conquistas, e era um exemplo para Tosco tornaram-se grandes amigos.

O ensino médio estava chegando ao fim. Apesar do cansaço, agora eu era um cara entusiasmado. E tinha dois grandes amigos: o professor Jeferson e o Samuel. Tudo que conseguíamos, festejávamos como se fosse um gol. (p.121)

A formatura foi uma conquista e tanto. Embora não fosse amigo de minha mãe, fiz questão de que ela comparecesse. Separei um dinheiro e a presenteei com um vestido. Foi o presente que lhe dei. Na verdade, foi a mim mesmo que presenteei! Fomos juntos à formatura (p.122).

Meus convidados eram o professor Jeferson, o Samuel, minha mãe, e, claro, a Laura. (...) A Laura veio me encontrar no final da cerimônia. Tirou da bolsa um livro. Entregou-me olhando no fundo do olhos. Os meus estavam marejados. O mundo em volta desapareceu. Tudo pareceu ficar em silêncio. Então ela me beijou da maneira mais carinhosa do mundo.

- “Para meu Tosco! Que de tão tosco é rude. Que de tão tosco é singelo. Que de tão tosco é afável. Que de tão tosco é bonito. Que de tão tosco é resistente. Que de tão tosco é meu tosco. Você é perfeito! Meu eterno Tosco. Laura”.

Em suma, relatos que caracterizam a fragmentação de Tosco. Agora namorando sério, formado no Ensino Médio, algo nem imaginado no início. A faculdade outra conquista, a sonhada moto.

Concluí o curso de Educação Física. Fiz alguns concursos e passei em um para professor de Educação Física no ensino fundamental (p. 128).

Financiamos um apartamento, eu e a Laura. A mobília era simples. Mas a nossa felicidade era indescritível. Estávamos realizando nosso sonho (p. 128).

Neste fragmentos vemos a transformação ocorrida do personagem, tudo por ter encontrado alguém em quem se espelhar, por notar que era possível mudar, o sonhar com uma família antes nem pensado, o sonhar em si nas perspectivas futuras. Abordado por Stuart Hall, tais identidade em Tosco podemos ver este sujeito pós-moderno, descentralizado, em uma continua transformação.

Hoje tenho orgulho de ser o Tosco! O cara que teve tudo para dar errado. Que fez errado, mas que teve a chance de fazer diferente. Demorou, mas acho que estou conseguindo fazer diferente. Mas que só consegui isso porque tive amigos de verdade. Pessoas que investiram em mim, como o professor Jeferson. Mas que também tive que fazer por merecer (p. 132).

Tosco passou por várias crises de identidade, o processo de transformação ocorreu com a relação com o outro, e olhar para si próprio, como diz Stuart Hall (1990),

à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. É o caso de Tosco e seu processo de mudanças, a identificação dos leitores se dá justamente por alcançar um público, que se encontra numa fase de transformações, ou pelo fato vários Tocos, personagens da vida real se identificarem com o personagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos, o artigo procuro entender *Tosco* e sua grande repercussão de leitores, pelo fato deste não ter um grande valor literário, o que descobrimos que algumas obras valem mais por sua repercussão, do que por sua estética, pois vale mais a interação leitor e autor, como vimos na Estética da Recepção. As identidade estudadas nos ajudaram a pensar, o que o leitor sente ao ler tal obra, o porquê da identificação, e vemos porque estamos abordando um sujeito pós-modernos descentralizado, e que a todo momento assume novas identidades e se identifica com outras.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Abreu, Márcia. Cultura Letrada

Mattje, Gilberto Dari. Tosco. Gilberto Dari Mattje. Campo Grande e Editora Alvorada, 2009.

Hall, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DPSA, 2006.

Jauss, Hans Robert Et Al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 215p.